

XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI*

***OLHAR O SUJEITO EM SUAS
REDES DE RELAÇÕES:***

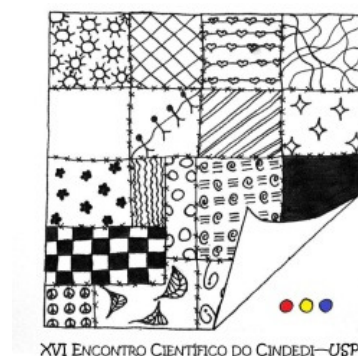
***DIVERSIDADE,
DIFERENÇA E
DESIGUALDADE.***



XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI—USP

Ribeirão Preto, 14 a 17 de fevereiro de 2011.

* CINDEDI _ Centro de Investigações sobre o
Desenvolvimento Humano e Educação Infantil
Departamento de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo



Apresentação

O encontro deste ano reflete uma evolução importante do CINDEDI.

Trata-se de uma reunião organizada e dirigida por estudantes, com a assessoria de docentes.

Nessa nova dinâmica, as/os estudantes conseguiram levar adiante uma antiga reivindicação do próprio grupo, qual seja a de colocar suas pesquisas ao centro das discussões durante o encontro.

A discussão dos painéis, particularmente, foi ampliada, não se restringindo ao debate estabelecido por dois debatedores diretamente com o/a autor/a do trabalho, junto ao painel. Assim, foram introduzidas sessões conjuntas de debate de painéis reunidos por eixos temáticos, com vários debatedores designados.

Também a apresentação da manhã de terça-feira será feita por alunas/os de vários subgrupos do CINDEDI, tendo sido planejada e preparada por eles em encontros e trocas presenciais e virtuais.

A decisão do tema do encontro foi feita em uma reunião das “chefas”, onde se buscou escolher um tema que fosse interessante e importante para

todos os subgrupos de pesquisa do CINDEDI, no presente estágio de suas pesquisas.

Inicialmente foi proposto o tema:

A diversidade ao olhar o sujeito em suas redes de relações.

o discuti-lo com o grupo, verificamos que essa diversidade muitas vezes mascara a desigualdade que ainda prevalece no Brasil, a qual atinge vários dos sujeitos das pesquisas de cada subgrupo.

Por outro lado, a discussão do grupo sobre as populações incluídas na Educação Infantil do/no Campo ou sobre as diferenças na estrutura e organização familiar de famílias envolvidas seja em Medidas de Proteção à criança e ao adolescente, seja em programas de inclusão, tem apontado a necessidade de um olhar atento e práticas diferenciadas frente a tais realidades

A partir dessa discussão, redefinimos o tema para:

***Olhar o sujeito em suas redes de relações:
diversidade, diferença e desigualdade.***

Agradecemos sinceramente às conferencistas e debatedores convidados, e ao CNPq que, através de uma verba de reserva técnica, tornou possível a realização deste XVI Encontro do CINDEDI.

Boas vindas, ótimos encontros e excelentes discussões!!!

Clotilde



XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI
OLHAR O SUJEITO EM SUAS REDES DE RELAÇÕES: DIVERSIDADE, DIFERENÇA E DESIGUALDADE
ANFITEATRO LUCIEN LISON – FFCLRP – USP
14 A 17 DE FEVEREIRO DE 2011

	2ª Feira (14/02)	3ª Feira (15/02)	4ª Feira (16/02)	5ª Feira (17/02)
Manhã		9h-12h: Apresentação Alunos: CINDEDI Debatedoras: Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Zilma de Oliveira (CINDEDI) Jaqueline Pasuch (UNEMAT)	9h-10h: Sessão de Painéis (Eixo Temático: Educação Infantil & Ensino Fundamental de 9 anos) 10h-12h: Debate de Painéis Debatedoras: Jaqueline Pasuch (UNEMAT) Tatiana Noronha de Souza (CINDEDI) Ana Paula Soares da Silva (CINDEDI)	9h-12h: Palestra Cláudia Fonseca (UFRGS) Debatedora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINDEDI)
Tarde	13h: Credenciamento 14h: Abertura Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINDEDI) 15h-17h: Conferência: A tensão diversidade-desigualdade Fúlvia Rosemberg (PUC/SP e FCC/SP)	12h-14h: Livre/ Almoço 14h-15h: Sessão de Painéis (Eixos Temáticos: Inclusão social e escolar de pessoas com necessidades especiais & Comunicação, linguagem e relações, nos primeiros anos de vida) 15h-17h: Debate de Painéis Debatedoras: Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Lucia Tinós (CINDEDI) Kátia de Souza Amorim (CINDEDI) 17h30min: Apresentação Cultural	12h-14h: Livre/ Almoço 14h-15h: Sessão de Painéis das Creches da USP e CCI 15h-17h: Debate de Painéis Debatedoras: Ana Melo (USP) Cláudia Yazlle (CINDEDI) Letícia Fonseca (CINDEDI) Tatiana Noronha de Souza (CINDEDI)	12h-14h: Livre/ Almoço 14h-15h: Sessão de Painéis (Eixos Temáticos: Adoção, acolhimento familiar e institucional & Figuras de si mesmo e noções de subjetividade) 15h-17h: Debate de Painéis Debatedores: Jane Valente (Sapeca) Carmem Craidy (UFRGS) Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINDEDI) Reinaldo Furlan (CINDEDI) 17h-19h: Avaliação e encaminhamentos Reinaldo Furlan (CINDEDI) Carmem Craidy (UFRGS) Natália Santos (CINDEDI) Delma Bezerra (CINDEDI)
Noite	18h: Coquetel		19h: Conferência Rita Coelho (COEDI/SEB/MEC)	19h30min: Confraternização no Templo da Cidadania

1. EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO INFANTIL & EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

DOUTORADO

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO: COMPREENDENDO SENTIDOS, PRÁTICAS E FORMAS DE ATENDIMENTO

Lima, Luciana Pereira de & Silva, Ana Paula Soares da

Doutorado: Pesquisa em andamento

Apesar das legislações brasileiras reconhecerem o direito das crianças *do campo* a uma Educação Infantil *no campo* com qualidade ainda nos deparamos com uma precariedade de políticas educacionais para esta população, o que contribuiu para manter a educação da criança camponesa em uma invisibilidade do ponto de vista social e político. Do ponto de vista científico a Educação Infantil do campo possui também fraca visibilidade, havendo estudos incipientes sobre a temática e poucos conhecimentos sobre concepções e experiências existentes. A presente pesquisa tem como objetivo descrever formas de atendimento e práticas de Educação Infantil no campo, bem como investigar sentidos atribuídos por profissionais da área, famílias e gestores municipais à Educação Infantil no campo. Para tanto, escolhemos um município de Minas Gerais que possui 13 instituições que oferecem Educação Infantil no campo. A escolha deste município se justificou pelo fato do mesmo, em consonância com as legislações, priorizar o atendimento da criança *do campo no campo*, possuindo uma diversidade de experiências neste contexto. Para a coleta de dados foram realizadas observações nas instituições de Educação Infantil no campo (13) e entrevistas com as diretoras/coordenadoras. Posteriormente, escolhemos uma das instituições e realizamos observações (4 meses) e entrevistas com profissionais (6) e famílias (5). Consultamos ainda o Projeto Político-Pedagógico e o Regimento Interno da instituição. As entrevistas realizadas foram feitas individualmente, gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Ainda serão realizadas entrevistas com o secretário da educação e coordenadoras da Educação Infantil. Ressaltamos que a metodologia de coleta e a análise dos dados ancora-se nos pressupostos da Rede de Significações. Até o presente momento foi feita análise inicial dos dados obtidos a partir das visitas às instituições. Tais dados apontam que o atendimento é oferecido em Escolas de Ensino Fundamental (10) e em instituições específicas de Educação Infantil (3), que se localizam em contextos diversificados, tais como: distritos, colônias, escola agrotécnica, e próximas a fazendas, assentamentos, acampamentos, agroindústrias e bairros da cidade. Nas escolas são atendidas crianças de 4 e 5 anos, e nas demais instituições de 0 a 6 anos. Foram citados, pelas entrevistadas, fatores que facilitam o atendimento - apoio da Prefeitura e formação continuada - e fatores que o dificultam - a (não) relação com as famílias, devido à falta de transporte; a alta rotatividade das crianças e estrutura inadequada. Das instituições pesquisadas, 12 afirmaram ter demanda por vagas, havendo relato da existência de creches domiciliares no campo e de situações em que crianças menores são cuidadas por outras crianças, como irmãos mais velhos. Os dados analisados apontam para uma diversidade de formas de atendimento existentes e de fatores que contribuem e dificultam as práticas de Educação Infantil no campo, bem como para desigualdades de atendimento no que tange à faixa etária, sendo que o mesmo é oferecido prioritariamente para crianças de 4 e 5 anos.

MESTRADO

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ALUNOS DO CAMPO E DA CIDADE, NA PERSPECTIVA DE DIRETORES DE ESCOLAS MUNICIPAIS RURAIS DE UBERLÂNDIA-MG

Silva, Ana Cecília O. & Previtali, Fabiane Santana

Mestrado: Pesquisa concluída

Este trabalho é parte de uma investigação sobre as escolas municipais rurais de Uberlândia-Mg, desenvolvida no âmbito do curso de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Como instrumentos de construção dos dados utilizamos: entrevistas semi-estruturadas e visitas de observação às escolas. Buscamos, através de entrevistas com diretores de 5 escolas municipais rurais e com representantes da secretaria de educação, conhecer o perfil dos alunos que freqüentavam aquelas escolas e identificar se havia algo de particular neste aluno que o diferenciava dos alunos da cidade. Alguns dos entrevistados apontaram que os alunos da zona rural têm acesso a um universo cultural distinto daquele da cidade, levando a um processo de aprendizagem também diferenciado. Estes se preocupam em modificar a metodologia de ensino e acreditam na importância de uma formação para os alunos que levasse em conta o seu contexto de vida. Uma outra tendência identificada foi a ênfase no campo enquanto lugar de carências, de linguagem pobre, de poucas alternativas culturais, já que toda riqueza de estímulos e cultura estaria localizada na vida urbana. Outra particularidade dos alunos do campo em detrimento dos da cidade identificada pelos diretores foi o bom comportamento, a docilidade e receptividade que estes alunos têm com relação à escola, fato que atribuíram a causas diversas, como a relação do aluno com a família, da escola com a comunidade e o número de alunos por sala, que foi indicado como menor no meio rural do que no urbano. Há uma referência à família camponesa como um núcleo mais estruturado, que dá melhores condições de educar os filhos, o que porventura pode estar relacionado à menor influência de fatores externos que existem na cidade, como muitos vizinhos, violência, televisão, excesso de informações, etc. Afirmam que a escola ocupa um papel importante na vida das crianças do campo, como um espaço de socialização e de construção de afetividade, já que possuem poucos espaços de convivência comunitários. Embora alguns diretores tenham apontado para diferenças entre os alunos da zona rural e urbana, em alguns momentos eles se contradizem afirmando que as diferenças entre o campo e cidade não existem mais, que hoje “todos são iguais”. A Secretaria Municipal de Educação não diferencia as escolas de Ensino Fundamental em urbanas ou rurais na gestão e coordenação pedagógica das mesmas. Elas participam dos mesmos projetos e são coordenadas por um único setor. Percebemos então que há um padrão em que a referência adequada é o urbano, há um enquadramento que generaliza as necessidades do campo e da cidade, o que gera uma desvalorização do vocabulário, das práticas camponesas e das demandas da escola rural como um todo. Associamos esta generalização à tendência de hegemonização capitalista segundo a qual campo e cidade são espaços de produção de mercadorias e não territórios de sociabilidade. Contudo, através dos discursos dos diretores, concluímos que há no campo uma organização social particular que é distinta daquela da cidade e que se manifesta nas organizações familiares e na forma de vida camponesa.

Agência Financiadora: CAPES

MESTRADO

PENSANDO AS MUDANÇAS E AS CONTINUIDADES DA CULTURA ESCOLAR NO CONTEXTO MARCADO PELA DIVERSIDADE E DESIGUALDADE.

Santos, Delma Rosa dos & Silva, Ana Paula Soares

Mestrado: Pesquisa em andamento

Este resumo refere-se à compilação de idéias e reflexões que emergiram, a princípio, do estudo sobre cultura escolar e implantação do EF9 anos e, posteriormente, das provocações suscitadas pela temática do encontro do Cindedi desta edição. A escola e suas práticas podem ser compreendidas como uma instância de mediação entre os significados, os sentidos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações. Nessa perspectiva, reconhece-se que a escola tem uma contribuição importante na constituição do sujeito, principalmente, depois da democratização do ensino no país. Com o movimento de abertura da escola para “todos”, esta passou a conviver com uma clientela com características diversificadas, que a depender dos discursos é qualificada e classificada de diferentes maneiras. Ora diversidade é vista como sinônimo de heterogeneidade, o que é avaliado como positivo já que potencializa aprendizagens que não aconteceriam com pares homogêneos; ora é considerada como problema porque demanda diversificação de metodologias de ensino que nem sempre o profissional da escola está preparado para oferecer. Ao longo das duas últimas décadas, o Brasil tem buscado aprovar leis e promover políticas de ensino que garantam maior acesso da população à cultura escolar. É sob justificativa de diminuir as desigualdades acentuadas ao longo da história de nosso país que a Lei 11. 274 de 2006 foi aprovada. Esta ampliou o EF para 9 anos e impôs obrigatoriedade da matrícula das crianças de 6 anos no primeiro ano do EF. O trabalho empírico realizado teve como objetivo investigar mudanças e continuidades da cultura escolar a partir da perspectiva dos professores no contexto de transição do EF 8 para 9 anos. A pesquisa foi realizada em 1 escola de EF 9 anos. Para coleta de dados utilizou-se, principalmente, de entrevistas semi-estruturadas. De um total de 11 entrevistas, 9 foram com professores, 1 com coordenadora e 1 com diretora. No caso, para essas reflexões foram analisadas 3 entrevistas de professoras. Como lente teórica para análise utilizou-se as contribuições de autores que defendem a cultura como práticas significantes e as da RedSig. O material foi mapeado e dividido em categorias que revelaram sentidos e significados que emergiram desse processo de mudança e permanência. O que se pode apreender, nesse exercício de colocar em diálogo os dados da pesquisa com o tema do encontro, é que, os profissionais da escola são marcados por uma diversidade de formação acadêmica, política e cultural que os caracterizam e os posicionam de diferentes maneiras nas suas atuações no cotidiano da escola. Observou-se ainda que essa configuração dos professores tem desdobramentos discrepantes quando se considera a clientela atendida por eles (de uma população com histórico de marginalização e que sofre as desigualdades geradas tanto pelas políticas públicas quanto pela ausência dessas). Ao considerar as diferenças que marcam esses atores da escola, o que pode arriscar a dizer é que as mudanças e as continuidades, neste contexto, tendem a acontecer no sentido mais de reforçar desigualdades do que diminuir, especialmente, quando as ações desses profissionais são orientadas por uma visão apolítica de educação.

MESTRADO

DIÁLOGOS NA DIFERENÇA: ANOTAÇÕES DE CAMPO SOBRE A CONVIVÊNCIA COM CRIANÇAS DE UM ASSENTAMENTO RURAL

Silva, Juliana Bezzon & Silva, Ana Paula Soares

Mestrado: Pesquisa em andamento

As reflexões sobre o tema do XVI Encontro do Cindedi foram realizadas a partir de uma análise incipiente dos cadernos de campo da pesquisa de mestrado “Educação infantil no campo: significações de professores, pais e crianças da pré-escola”. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar as significações de educação infantil no/do campo presentes nas práticas de professores, famílias e crianças do campo. Para isso, estão participando do estudo crianças, profissionais da educação e pais/responsáveis de dois contextos em assentamentos rurais: um que possui pré-escola e outro em que as crianças da pré-escola são atendidas na cidade. Como procedimento para construção do *corpus* da pesquisa, focalizou-se o engajamento da pesquisadora no primeiro contexto investigado (assentamento com escola) por um período de aproximadamente um mês, permitindo que um processo proximal complexo e recíproco com os participantes, de modo a buscar coincidências e contradições, considerando o contexto local e sua inter-relação com o contexto geral. Além da vivência no cotidiano da instituição, pretende-se conhecer também a comunidade rural assentada. Para isso, são realizados os seguintes procedimentos: observação participante por tempo estendido, com registro em diário de campo; entrevistas semi-estruturadas audiogravadas com professores, familiares e crianças. O *corpus* da pesquisa tem sido construído, integrado e analisado de acordo com a Rede de Significações (RedSig). O estabelecimento de categorias para análise será constituído a partir de leituras exaustivas das notas de campo e das entrevistas, permitindo a composição de categorias e eixos de investigação analisados individualmente e em interseções. A partir da análise prévia dos cadernos de campo do período de observação participante no assentamento rural que possui a pré-escola, puderam-se perceber diversos aspectos que refletiram as diferenças de vivência daquela realidade pela pesquisadora – adulta e urbana – e os participantes – crianças e assentadas. O contato da pesquisadora com essas crianças permitiu um mergulho no que os diferenciava do universo da pesquisadora e ao mesmo tempo no que os identificava com algumas significações da pesquisadora sobre eles. Além de vivenciar essa diferença, o método utilizado permitiu uma aproximação maior para a compreensão das desigualdades vivenciadas pelos assentados. Desigualdades sociais, econômicas e educacionais expressadas em: experiência cotidiana, visitas às casas das crianças e conversas com os profissionais da escola; considerando o contexto amplo que perpassa a realidade do assentamento e de sua escola. Assim, a partir da perspectiva da RedSig, que considera o pesquisador um ferramenteiro do *corpus* da pesquisa, considerou-se a importância deste vivenciar as diferenças entre ele e os participantes, entre ele e os contextos de modo geral, considerando nas situações investigadas espaços e tempos de relação para construção de compreensões acerca da experiência de desenvolvimento dessas pessoas em suas teias de relações e significações. Com isso, observou-se que tal vivência das diferenças e desigualdades foi importante para o conhecimento de alguns circunscritores e para uma análise do contexto (entrelaçamento de pessoas, situações, momentos históricos...) de acordo com os aspectos da matriz sócio-histórica que o constituem.

Agência Financiadora: FAPESP

MESTRADO

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR MEMBROS DO SETOR DE EDUCAÇÃO DE UM ASSENTAMENTO RURAL.

Rosa, Leandro Amorim & Silva, Ana Paula Soares da

Mestrado: Pesquisa em andamento

O presente resumo pretende articular a temática do XVI Encontro do CINDEDI com o projeto de pesquisa que será abordado a seguir. A psicologia tem dado significativa contribuição para o estudo dos fenômenos ligados à política, sendo que a participação política, mais especificamente, tem sido um dos principais objetos de pesquisa da psicologia política. Os referenciais que abordam tal temática, via de regra, têm privilegiado os processos e os fatores implicados na participação política. O presente projeto tem como foco de interesse compreender esse processo partindo das perspectivas dos sujeitos e das tensões por eles vivenciadas. A partir do referencial vygotskyano, em articulação com a teoria gramsciana, objetiva-se estudar os sentidos e significados de sujeitos do setor de educação de um assentamento rural pertencente a um movimento de luta pela reforma agrária sobre sua participação política. Dado que o sujeito se constitui a partir das relações sociais nas quais ele está inserido, as tensões presentes no campo social e econômico também se manifestam no campo da subjetividade, na organização do seu drama subjetivo. Entende-se que as condições – objetivas e subjetivas – específicas dos participantes dessa pesquisa possam proporcionar dados relevantes à temática estudada. Participarão da pesquisa cinco (5) sujeitos. Serão priorizados como participantes da pesquisa os envolvidos com a educação infantil no assentamento. Os dados serão coletados por meio de entrevistas individuais, análise de materiais produzidos pelos sujeitos e observações de atividades que envolvam o setor de educação do assentamento. Como categorias a serem abordados durante a análise estão: os sentidos atribuídos pelos sujeitos a sua participação política; mudanças (subjetivas e objetivas) que atribuem a sua participação; que significados atribuem à participação dos jovens e crianças no movimento. Na fase de tratamento do material, a partir dos conteúdos concretos, é possível que tais tópicos sejam revistos e outros acrescentados. Pretende-se contribuir com o entendimento sobre a participação política a partir da concretude de sujeitos que tomam esse processo como elemento central de suas vivências e de suas ações educativas. É possível pensar a articulação da presente pesquisa com o tema proposto para o Encontro do CINDEDI de diversas formas. O eixo que será aqui adotado para essa articulação é o que perpassa o sujeito, sua constituição e sua luta política no contexto fortemente marcado pela desigualdade no qual ele está inserido. Pode-se pensar como sujeitos tão diferentes, que encontram a raiz de sua constituição subjetiva na concretude de um ambiente tão diverso e desigual, adotaram o mesmo princípio de atuação política, a luta contra a desigualdade - em seu sentido econômico e social. Dada a especificidade de atuação de tais sujeitos dentro do movimento social, pode-se também refletir sobre as articulações existentes entre o ser educador e o engajamento na luta pela igualdade, assim como na forma como tais pessoas concebem as suas práticas educativas como instrumento de tal luta. Assim sendo, percebe-se a coerência entre o presente trabalho e o tema proposto para o Encontro, dado que as articulações apresentadas perpassam grande parte das questões abordadas na pesquisa.

HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE: UM ESTRANHO NO NINHO.

Souza, Mara Isis de & Silva, Ana Paula Soares da

Mestrado: Pesquisa concluída

Em meio às diversas mudanças que vêm ocorrendo na relação entre gênero e profissão, a presença do homem atuando na educação e cuidado de crianças em contextos coletivos, particularmente de crianças de 0 a 3 anos de idade, suscita debates que fazem aflorar o senso comum e desafiam a construção do conhecimento dessa realidade. Ainda em número reduzido, a presença do homem como professor de creche vem sendo preconizada como parte das políticas de promoção de igualdade de oportunidade entre homens e mulheres, do movimento de profissionalização da educação infantil e das tentativas de promover uma educação pautada na diversidade, étnica e de gênero, de figuras de referência para as crianças. Neste contexto, foi desenvolvida a pesquisa que teve como objetivo investigar de que maneira um homem se constitui professor de creche, nas relações com suas colegas, com a direção e com as crianças e suas famílias. A construção do *corpus* da pesquisa, ancorada no referencial teórico-metodológico da Rede de Significações, foi feita por meio de: (1) visitas e observações, com registros, em caderno de campo, das práticas e relações estabelecidas pelo professor com as crianças, com as famílias, com suas colegas e a direção; (2) entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio e transcritas na íntegra, com os atores envolvidos neste processo (professor, professoras, direção e famílias). A análise do material foi feita no sentido de identificar o masculino na relação com as colegas de trabalho, com a direção, com as famílias e com as crianças. Análises dos registros de observação e das entrevistas trouxeram a experiência de inserção do homem como professor de creche de maneira positiva e recomendável. Dentre os argumentos apresentados acerca das possibilidades que se abrem ante a presença do homem como professor, a figura masculina é representada fortemente pela imagem do pai, justificada especialmente para as crianças que não convivem com esta figura em suas famílias. Em relação à questão do cuidado com o corpo, a decisão da direção, acatada pela equipe, foi de afastar o educador dessas atividades com as meninas, o que evitou a emergência de conflitos e resultou em instrumento para tranquilizar as famílias. Ainda que a literatura e os documentos oficiais que defendem a existência de homens na função de professor de creche tenham como argumento a importância da diversidade no espaço institucional, nossos resultados apontam uma inserção que se pauta pela tentativa de enquadramento desse homem a um modelo de profissional marcado pelo feminino e a um masculino restrito à figura paterna. A (re)significação da presença de um homem professor na creche, que caminha do estranhamento inicial ao estabelecimento de uma relação de confiança com este profissional, parece resultar da possibilidade de estabelecimento de interações com essa figura masculina, mas em um processo que nega a diferença.

MESTRADO

AS DESIGUALDADES NA DESIGUALDADE: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE CRIANÇAS DE UM ASSENTAMENTO RURAL E CRIANÇAS DA PERIFERIA URBANA

Carvalho, Regiane Sbroion de & Silva, Ana Paula Soares da

Mestrado: Pesquisa em andamento

As reflexões desse trabalho partem de uma pesquisa que analisa as formas de participação infantil de 16 crianças de 7 a 10 anos (8 de um Assentamento Rural vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; 8 moradoras de periferia urbana). Todas frequentam a mesma escola na cidade e nela compartilham espaços, vivências e experiências. A construção do *corpus* ocorreu por meio de questionário socioeconômico aplicado às famílias, fotos realizadas pelas crianças sobre seu cotidiano, entrevistas individuais baseadas nas fotografias e um diário de campo. Verificamos uma aproximação entre os grupos em relação a fatores socioeconômicos, como histórias de migração e baixa renda. Mesmo não sendo o tema principal em nossa pesquisa, a desigualdade, a diferença e o preconceito aparecem nos relatos das crianças, compondo suas relações com parceiros, principalmente outras crianças. Ainda que se apresentem proximidades, as diferenças entre elas são ressaltadas e cotidianamente reiteradas nas relações que estabelecem entre si. As crianças moradoras do assentamento trazem suas “marcas” de Sem Terra, como os calçados sujos de poeira (às vezes trocados na escola por outros escondidos nas mochilas) e o transporte escolar próprio. Essas “marcas” são ressaltadas por outras crianças da escola, que em momentos de conflitos usam-nas negativamente, como denominar as crianças do assentamento de “pé sujo” e dizer que elas não têm o que comer. Em contrapartida, encontramos por parte de uma criança do assentamento a descrição também negativa de outras crianças como “faveladas”. As diferenças assumem um caráter de preconceito em relação uns aos outros, marcando vivências, subjetividades e levando inclusive a agressões físicas entre as crianças. A influência do preconceito sofrido na construção da identidade também se refere ao sentimento de pertencimento ao grupo sócio-cultural e suscita a resistência das crianças a essas situações e provocações, contrapondo-se pela desqualificação do conhecimento das crianças da periferia sobre o assentamento e pelo realce dos seus pontos positivos, defendendo seu território. A vivência dessas experiências, assim como os locais de moradia com suas características específicas, apresentam-se como fatores constitutivos das subjetividades, das identidades e do sentimento de pertencimento. Considerando as condições sociais, econômicas e políticas de nosso país, poderíamos considerar que tanto os assentados como os moradores de periferia urbana pertencem a um mesmo grupo socioeconômico, marcado pela desigualdade econômica, com menores possibilidades de acesso a direitos básicos. Na análise microsocial das relações estabelecidas entre as crianças, verificamos que a desigualdade também ali se materializa e de certa forma se reproduz, o que pode ser atribuído a concepções socialmente disseminadas que compõem nossa matriz sócio-histórica e que inferiorizam determinados grupos para a dominação de outros.

Agência Financiadora: CNPq

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: A CRECHE COMO UM DIREITO SOCIAL DAS FAMÍLIAS.

Madlum, Letícia Verardi & Silva, Ana Paula Soares da

Iniciação Científica: Redação do projeto

Embora de origem urbana, atualmente, as creches e pré-escolas se constituem como um direito social tanto dos trabalhadores, urbanos ou rurais, bem como das crianças. Apesar dos avanços no campo da legislação, uma educação infantil acessível a todas as crianças e que contemple a diversidade de contextos em que elas estão inseridas, vinculando o aprendizado às suas vivências cotidianas, ainda não é realidade. As crianças do campo, especialmente na faixa etária de 0 a 3 anos de idade, ou estão sendo atendidas em creches nas cidades, priorizando o modelo urbano como referencial de cuidado e educação, ou estão sendo atendidas por outras modalidades informais. A idéia de que a diferença entre os modos de vida, urbano e rural, pode implicar em uma desigualdade no atendimento às crianças, deixando quem mora no campo em desvantagem com relação a quem mora na cidade, levanta algumas questões. Porque as crianças que vivem no contexto rural não estão freqüentando a escola, faltam vagas, condições de acesso, ou o que sendo oferecido não responde as necessidades das suas famílias? O que essas famílias percebem como necessidades, como elas sentem essa diferença? O objetivo da pesquisa é compreender que sentidos as famílias de um assentamento rural atribuem à creche e como justificam sua decisão de colocar ou não seus filhos de 0 a 3 anos de idade em instituições de educação infantil. Para pensar essa temática, será utilizado como referencial teórico, a Rede de Significações (RedSig), que por conceber o homem a partir de sua materialidade, compreende que ele se constitui nas e pelas relações estabelecidas, dentro de um contexto histórico-cultural que delimita possibilidades de interação, favorecendo determinados sentidos e significados. Para a realização da pesquisa será feito um levantamento do número total de famílias com crianças de 0 a 3 anos junto ao Setor de Educação de um assentamento rural do MST, será aplicado um questionário com todas as famílias para conhecer quais optaram pela creche e quais optaram pela permanência da criança em casa, e ainda serão realizadas 12 entrevistas, 6 com famílias que tem filhos matriculados na creche e 6 que não tem, como uma possibilidade de compreensão da escolha das famílias e dos fatores que a perpassam. Com relação à possível articulação desse projeto de pesquisa com o tema proposto no Encontro do Cindedi, algumas reflexões podem ser feitas. Pensar as necessidades das crianças do campo a partir da realidade social em que estão inseridas marca um posicionamento que reconhece as diferenças que se dão entre o contexto rural e urbano, mas que considera importante que essa diversidade seja preservada no âmbito das instituições. E ainda entende que essa preservação se constitui enquanto um recurso contra a desigualdade que perpassa o atendimento a essas crianças, promovendo injustiças e desvantagens. Dessa forma, a presente pesquisa se relaciona com a proposta do Encontro por ter essas reflexões como pano de fundo no seu desenvolvimento.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

EDUCAÇÃO INFANTIL E INGRESSO NO ENSINO FUNDAMENTAL: A TRANSIÇÃO SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Bucci, Lorenzza & Correa, Bianca

Iniciação Científica: Pesquisa em andamento

A partir da implantação da Lei 11.274/06, que alterou a duração do ensino fundamental de oito para nove anos, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade, ocorreram mudanças na educação infantil. Diante dessas mudanças faz-se necessário uma análise da qualidade da educação oferecida para as crianças matriculadas nessa etapa educacional. Nesta pesquisa focalizamos, especificamente, crianças do último ano da pré-escola, uma vez que as condições e as práticas pedagógicas não parecem adequadas a essa faixa etária. A pesquisa se propõe a dar voz aos sujeitos centrais da educação infantil, ou seja, as crianças. Procuraremos entender como elas vivenciam a experiência do último ano da pré-escola e como compreendem a transição para o Ensino Fundamental. Com base em uma abordagem qualitativa, recorrendo às técnicas dos estudos de caso, esta pesquisa se desenvolverá em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), no interior de São Paulo, no período letivo de 2011, sendo que a coleta de dados será feita, em sua quase totalidade, no primeiro semestre. A entrada na escola e o primeiro contato com as crianças acontecerão na primeira semana de aula, com a finalidade de nos aproximarmos delas e observarmos se, desde o início do ano, o ingresso no 1º ano do ensino fundamental é um tema presente no grupo. Após esse primeiro contato, as observações ocorrerão uma vez por semana, com as datas previamente determinadas, porém em dias diferentes da semana, para que possamos observar o mais detalhadamente possível a rotina da sala estudada. Por meio dessas observações, em diferentes momentos da rotina da escola, garantiremos maior contato com as crianças. Além disso, serão realizadas entrevistas em pequenos grupos, com recursos diversos: conversa livre sobre um tema comum, realização de desenhos, utilização de histórias para que as crianças deem continuidade, entre outros. Serão realizadas entrevistas com os pais dos alunos, com a diretora e com a professora da sala, a fim de complementar as informações obtidas, bem como para ampliar o foco de entendimento sobre as falas das crianças. Utilizaremos o caderno de campo como meio de registro das observações. A partir dos dados coletados, analisaremos os seguintes aspectos: a) Qual o significado, para as crianças, do ingresso no 1º ano do ensino fundamental e quais são suas expectativas para essa mudança e; b) A organização e a metodologia da professora considerando que os alunos no último ano dessa nova organização da Educação Infantil têm cinco anos. Para a análise, utilizaremos como referência os direitos das crianças reconhecidos na legislação nacional e, as orientações oficiais sobre o currículo na educação infantil, principalmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ainda com base na perspectiva histórico-cultural, tomamos como suposto que a aprendizagem, nesse momento da vida, ocorre por meio da brincadeira, sendo esta a atividade principal que promove o desenvolvimento infantil.

Agência financiadora: Bolsa Santander

2. EIXO TEMÁTICO: ADOÇÃO, ACOLHIMENTO FAMILIAR E INSTITUCIONAL

DOUTORADO

PROCEDIMENTOS DE RECEPÇÃO/ACOLHIDA EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO E (RE)VITIMIZAÇÃO DE CRIANÇAS: O QUE E COMO MELHORAR AS PRÁTICAS ATUAIS?

Almeida, Ivy Gonçalves & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde

Doutorado: Pesquisa em andamento

Quando uma criança é acolhida institucionalmente, mudanças ocorrem em sua rede social. Mesmo que provisoriamente, elas ficam separadas de pessoas de referência e têm oportunidade de criar novos vínculos. O processo de recepção e acolhimento de bebês e crianças pequenas em creche/escola de educação infantil tem importância reconhecida dada sua influência na forma como a criança enfrentará essa separação cotidiana (mesmo que por algumas horas) dos pais ou cuidadores, bem como na construção de novos relacionamentos. Porém, não há pesquisas que abordem especificamente este assunto em instituições de acolhimento. Além disso, na rotina institucional, trata-se de um procedimento negligenciado, que recebe muito pouco cuidado. Propomos, então, algumas questões para reflexão: como as crianças sob medida de proteção estão sendo acolhidas? Como acolher a singularidade de cada criança em meio à grande diversidade presente em uma instituição de educação coletiva? Como incluir as famílias de forma a favorecer um processo de reintegração familiar rápido e bem sucedido? Como respeitar e trabalhar com famílias tão diversas? Como o acolhimento/recepção é visto, a partir das diferentes posições assumidas pelos diversos atores envolvidos na rede de relações e de proteção da criança? Levando-se em consideração a relevância deste tema e tendo como base teórico-metodológica a Rede de Significações, este projeto tem como objetivo conhecer os procedimentos de recepção e acolhimento de crianças, desenvolvidos por instituições de acolhimento, a partir da perspectiva de diferentes atores envolvidos neste processo. Além disso, buscará identificar possíveis contribuições do conhecimento produzido na área de educação infantil para o acolhimento institucional. A pesquisa será realizada em uma cidade de grande porte, no interior do Estado de São Paulo. Pretende-se entrevistar representantes do juizado e promotoria da Vara da Infância e Juventude, da equipe técnica do Judiciário, da gestão municipal da Assistência Social e do Conselho Tutelar. Em duas instituições de acolhimento institucional, pretende-se entrevistar representantes da equipe técnica, dos educadores e das famílias que tenham filho(s) acolhido(s). Tem-se também intenção de realizar grupos de conversas com crianças, com idades entre sete e dez anos, nas duas instituições. As entrevistas e grupos de conversas contarão com questões disparadoras sobre o assunto a ser pesquisado. Os dados serão analisados qualitativamente. A relevância social desta pesquisa encontra-se na possibilidade de conhecer uma prática institucional, até o momento, não estudada sistematicamente. Não atendo-se apenas a isso, buscar-se-á propor procedimentos que possam vir a melhorar os atualmente utilizados, frente a urgente necessidade de se desenvolver práticas que não (re)vitimizem crianças que estejam sob medida de proteção.

Agências Financiadoras: CAPES e CNPq

REINTEGRAÇÃO FAMILIAR: OLHANDO PARA AS FAMÍLIAS E SUAS DIFERENTES CONFIGURAÇÕES

Lacerda, Fernanda Silva & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde

Mestrado: Pesquisa em andamento

Reintegração familiar é o termo utilizado no âmbito jurídico para se referir ao processo de crianças/adolescentes que passaram por acolhimento familiar ou institucional e retornaram às suas famílias (natural ou extensa). Considerando que a reintegração é um processo complexo, imerso em vários significados estabelecidos culturalmente, com diversos atores que protagonizam ações e se influenciam mutuamente, é fundamental pensarmos acerca dos conceitos de família que perpassam as normativas legais e a prática dos profissionais que trabalham com essas famílias. Necessário também atentarmos para alguns pontos: quem são essas famílias? Há diferenças entre elas? As diversas configurações são consideradas e respeitadas? Como essas famílias são vistas pelos diversos setores da sociedade? Quais os posicionamentos assumidos e atribuídos pelas e às famílias das crianças acolhidas institucionalmente? Quais os recursos a serem disponibilizados para essas famílias (programas de acompanhamento familiar, auxílio financeiro, tratamento de alcoolismo e drogadição, atendimento psicológico e psiquiátrico, visitas a família)? Estes recursos estão sendo, também, desenvolvidos com elas e por elas? Há um acompanhamento familiar após a reintegração? Que sentidos podem permear tais ações (de fiscalização, de parceria, de punição)? Assim, a partir do referencial da Rede de Significações, este trabalho de caracterização sócio-demográfica, busca conhecer o processo de reintegração familiar de crianças de zero a seis anos que estiveram acolhidas institucionalmente, em uma cidade do interior de São Paulo. Para isso, está sendo realizada a caracterização destas crianças e de suas famílias, de suas trajetórias de acolhimento e da reintegração familiar a partir dos processos na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça (VIJTJ) e dos prontuários das instituições. Pesquisou-se os 49 processos disponíveis na VIJTJ, relativos ao período de setembro/2010 a setembro/2008, e seus respectivos prontuários. Os dados estão sendo analisados quantitativamente através de estatística descritiva. Resultados preliminares indicam: significativa ausência de informações a respeito das famílias e da reintegração, sobretudo, em relação ao acompanhamento pós-reintegração; predominância de famílias matriarcais; escassez de informações sobre o pai; 85% têm irmãos; 13 grupos de irmãos foram acolhidos, ou seja, eram 35 famílias no total; 18% vivenciaram acolhimento(s) anterior(es); 85% têm outros parentes e pessoas da rede de apoio, além da família natural. Os principais motivos dos acolhimentos registrados foram: uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas pelos pais/responsáveis (55%), associado à negligência e/ou abandono (61%), falta temporária de condições, moradia e problemas socioeconômicos (43%). Em 43% dos casos as crianças foram encaminhadas para família materna: avós (23%), tios (12%), mãe (8%). E, em 12% para vizinhos e amigos da família. Intervenções que visam à reintegração resumem-se, predominantemente, a entrevistas com as famílias e visitas domiciliares, realizadas pela equipe técnica das instituições e do judiciário. Espera-se que tais resultados ajudem a revelar como o trabalho de reinserção vem sendo feito na prática, bem como a forma pela qual as famílias (não) estão sendo olhadas. Pretende-se, com isso, contribuir com as necessárias adequações nas políticas públicas e no trabalho em rede, a fim de que se tornem capazes de respeitar e acolher a diversidade, auxiliando crianças e suas famílias de maneira efetiva.

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq, CAPES

MESTRADO

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE CRIANÇAS ADOTADAS: A PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES.

Castro, Letícia F. R. F.; Teixeira, Sueli C. De Pauli & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde

Mestrado: Pesquisa em andamento

Alguns estudos apontam a adoção como um fator central para o surgimento de possíveis dificuldades no desenvolvimento de crianças, sendo o baixo desempenho escolar assinalado em diversos estudos como uma resposta às possíveis dificuldades enfrentadas com o processo adotivo ou com a adoção em si. Tais questões são debatidas por outros estudos também sobre adoção, que ao tratar do assunto expõem uma visão diferente a respeito da mesma temática e enfatizam que a adoção pode não ser, isoladamente, o fator responsável para o surgimento de dificuldades escolares. Desta forma, esta concepção amplia o foco do assunto para demais fatores, não considerando apenas a adoção como responsável pelo surgimento de dificuldades no âmbito escolar. Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de analisar as percepções de pais e professores a respeito da trajetória escolar de crianças adotadas, investigando como eles compreendem a existência de possíveis sucessos e dificuldades escolares nestas crianças, buscando entender, especificamente, se para os participantes a adoção tem ou não influência na atuação escolar destas crianças. Para isto, entrevistamos doze professores do Ensino Fundamental (3º ao 7º ano) e quatro pais adotivos (um casal e duas mães), sobre a trajetória escolar das crianças adotadas, investigando como eles interpretam a temática da adoção e da aprendizagem, apontando suas perspectivas a respeito do tema da pesquisa. Para complementarmos nosso *corpus* de pesquisa, realizamos também observações do cotidiano escolar com o intuito de realizar um “mergulho” no ambiente em que as crianças e os professores estão inseridos. A partir disso, foi possível realizar uma investigação que relacionou as diversas ordens de elementos presentes, em níveis micro e macro, compreendendo as situações sempre de forma articulada. De acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da *Rede de Significações*, a adoção deve ser entendida e analisada como uma situação em meio às outras vividas pela criança, retirando o foco de atenção da mesma e estendendo-o para um conjunto de fatores intervenientes, no qual a escola e a família são componentes essenciais. Sob a ótica da *RedSig*, para compreender esse processo, é preciso levar em conta não apenas os componentes individuais da criança, como a sua condição de filho biológico ou adotivo, mas os outros componentes da rede interacional no qual a criança faz parte. Assim o olhar dos participantes se mostrou voltado para as redes de relações estabelecidas em cada caso, apontando para características de cada situação como influência para aprendizagem. Ao falar de dificuldades e sucessos escolares a maioria dos professores (dez) atribuiu a “estrutura familiar” como possuindo influência direta na aprendizagem, já os pais focalizaram suas representações em questões particulares e individuais dos filhos. Portanto, nossos resultados apontaram que as dificuldades escolares e os sucessos apresentados pelos adotivos, não foram diretamente relacionados as vivências da adoção.

3. EIXO TEMÁTICO: INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

MESTRADO

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ALUNADO COM DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO INCLUÍDOS NA REDE PÚBLICA ESTADUAL, EM UM MUNICÍPIO NO INTERIOR PAULISTA.

Souza, Patrícia Moreira & Amorim, Katia de Souza

Mestrado: Pesquisa em andamento

Considerando-se o movimento nacional e internacional em prol da inclusão escolar, entende-se que a inclusão não se restringe à inserção de alunos diferentes nas escolas regulares mas na garantia de condições necessárias para que todos tenham acesso e permanência, sem desigualdade. Diante disso, objetivou-se fazer a caracterização e a identificação dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação incluídos no ensino regular, na rede pública estadual de um município de médio porte, no interior paulista, entre os anos de 1998 e 2009. A meta foi verificar: as matrículas (ensino fundamental e médio); o sexo; a faixa etária; a série; o nível de ensino; os serviços de apoio pedagógico recebidos; se há defasagem idade/série e a permanência no ensino regular. Para tanto, foram consultados documentos oficiais (registros escolares dos alunos da educação especial) disponibilizados pela Diretoria Regional de Ensino. Os dados obtidos foram arquivados em programa especificamente criado para isso. O material tem sido analisado com base na perspectiva da *Rede de Significações*. Devido à ausência de registros nos anos anteriores, a consulta só foi possível a partir de 2005, sendo que, os registros de 2008 e 2009 apresentaram maiores informações (como sexo, faixa etária, série, nível de ensino, etc), do que os demais. Os resultados indicam que, em 2005, 61,6% dos alunos em inclusão apresentavam deficiência mental, 15% deficiência auditiva, 7,9% deficiência visual, 6% deficiência física, 6% deficiência múltipla, cerca de 1% transtorno global do desenvolvimento, não havendo registro de alunos com altas habilidades/superdotação. Em 2009, destaca-se a categorização de 200 alunos com condutas típicas (26,3%) e, 10 alunos com altas habilidades/superdotação (1,3%). Conforme análise dos registros, entre 2008 e 2009 foram incluídos nas escolas estaduais do município 1428 alunos. Ou seja, quando se analisa esse dado com o número de matrículas na educação comum (681.608) na mesma rede, o percentual é inferior a 1%. Quanto ao serviço de apoio pedagógico 3,5% dos alunos receberam apoio do professor do ensino itinerante, 14% frequentaram a sala de recurso e 82,5% não receberam nenhum serviço (2008). No ano seguinte, observou-se um aumento em relação ao atendimento na sala de recurso (24,5%). No que se refere ao sexo, predomina-se o masculino (64%). A maioria dos alunos incluídos estão na faixa etária entre 6 e 10 anos de idade (48 % em 2008), e cerca de 30% tem entre 11 e 14 anos. Quanto ao nível de ensino, 47% (2008) e 57,5% (2009) dos alunos concentram-se nas séries iniciais do ensino fundamental, cerca de 20% estão nas séries finais e uma minoria (6,2%) no ensino médio. Com base nos dados apresentados, pode-se inferir que o número de alunos incluídos no ensino regular da rede estadual é inexpressivo. E ainda, em relação àqueles que têm acesso ao ensino fundamental, uma minoria tem a possibilidade dar continuidade aos estudos. Diante disso, constata-se extrema desigualdade e que, ainda há um longo caminho a ser percorrido no sentido de garantir o acesso, a permanência e promover um ensino de qualidade à todos considerando a diversidade.

Agências Financiadoras: FAPESP e CNPq

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA, EM SITUAÇÃO DE FILHO COM EPILEPSIA E A QUESTÃO DA SUPERPROTEÇÃO: UMA ANÁLISE PARCIAL

Campos, Cristiane R. & Amorim, Katia de Souza

Iniciação Científica: Pesquisa em andamento

A epilepsia é considerada como distúrbio cerebral neurológico crônico mais freqüente na infância. Muitos autores indicam que, em função das suas implicações, no tratamento, deve-se levar em conta aspectos relacionados tanto ao espectro clínico quanto aos psicossociais. Dentre vários aspectos relacionados a estes últimos, resultados de estudos quantitativos apontam a superproteção dos familiares como elemento fortemente circunscritor das possibilidades e limites de ação com a criança com epilepsia e da sua participação social. Assim, traçou-se o objetivo de realizar pesquisa qualitativa, a partir de estudos de casos múltiplos, com base na perspectiva de mães, buscando apreender como se dá a dinâmica da relação mãe-criança, quando esta última tem epilepsia. A meta é averiguar, na dinâmica dessa relação, se e como se dá a superproteção. Os sujeitos foram selecionados em ambulatório de neurologia especializado. Como critérios de inclusão, definiu-se por: quatro crianças com epilepsia, sem controle de crises ou com controle recente; mínimo de um ano e meio de diagnóstico; e, sem síndromes associadas. A partir das crianças, suas mães foram convidadas à pesquisa. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas em sala do ambulatório de neurologia de hospital terciário. Das quatro entrevistas previstas, duas foram realizadas. Nos discursos das mães, foram apresentados sentimentos como susto, preocupação e maiores cuidados ao receberem o diagnóstico de seus filhos. Na entrevista da mãe¹, esta informa que, a partir do marcantemomento do diagnóstico, ela passou a sofrer de insônia, já que as crises de sua filha costumam ocorrer durante a noite. Além disso, adotou procedimentos que a deixassem mais tranqüila perante a situação: dorme sempre com a criança, não a deixa mais dormir nas suas amigas e restringiu o lazer, a não ser que ela esteja junto. Nesse primeiro caso, a maior preocupação que a mãe demonstrou foi o medo de que a freqüência de crises interfira com o passar dos anos no aspecto cognitivo de sua filha. Na segunda entrevista, a mãe² informa que sua filha de 11 anos estuda em um Centro de Reabilitação especializado da sua cidade e que o encaminhamento para esta instituição se deu devido a uma dificuldade da menina no aspecto motor, além do quadro de epilepsia. Em seu discurso, a mãe indicou ter ficado apavorada ao receber o diagnóstico. No entanto, atualmente demonstra maior tranqüilidade por sua filha estar em tratamento nesse centro de reabilitação. No geral, o que se verificou em relação à superproteção, pelos elementos culturais e do conhecimento (médico) os vários caminhos no lidar com os filhos que demonstram ser semelhantes (angústia, temor, busca de especialista.). Porém, há também variações já que as histórias e aspectos de classe social, cultural e as particularidades de enfrentamento dessas mães diante da situação é diversa. Portanto, a diferença está na existência de um transtorno da criança; o modo de lidar com ele tem pontos comuns, mas também apontam para uma diversidade nas práticas educacionais dessas mães. Tais aspectos dialogicamente se encontram e podem levar tanto a uma desigualdade nos cuidados (entre os diferentes filhos) como nas oportunidades circunscritas.

Agências Financiadoras: FAPESP e CNPq

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DIVERSIDADE NA PARTICIPAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM EPILEPSIA

Pádua, Flávia LuvizottoA& Amorim, Katia de Souza

Iniciação Científica: Pesquisa em andamento

A epilepsia é considerada como o distúrbio cerebral neurológico crônico mais freqüente na infância. Muitos autores indicam que, em função das implicações, no tratamento, deve-se considerar aspectos relacionados tanto ao espectro clínico quanto aos psicossociais. Dentre os aspectos psicossociais, autores vêm discutindo que a epilepsia, além de estigmatizadora, está relacionada a déficit cognitivo e de aprendizagem, com problemas na escolarização das crianças. Assim, este estudo visa investigar a participação escolar de crianças com epilepsia. Para isso, vem sendo realizado levantamento estatístico, no intuito de identificar, nos registros de ambulatório especializado de hospital terciário, *se* crianças com epilepsia estão na escola; e, caso estejam, que tipo de escola (regular ou especial). Após o levantamento, serão conduzidos estudos de casos múltiplos, através da realização de entrevistas semi-estruturadas com mães de 04 crianças em situação escolar diferente, com a meta de investigar, a partir da perspectiva dos familiares, como estes têm experienciado o processo de escolarização dos filhos. A análise dos dados será quantitativa-qualitativa, norteadas pela Rede de Significações. Para esta apresentação, será abordada e discutida revisão bibliográfica nacional (base Scielo). Nesta, verificou-se que o estudo sobre a epilepsia é centrado no aspecto clínico e no tratamento da doença (450, dos 496 trabalhos identificados), constatando-se a escassez do número de estudos relativos aos aspectos psicossociais. A maioria destes últimos estudos foi conduzida por metodologia quantitativa, sendo escassos estudos qualitativos. Dos 46 artigos não clínicos, sete são estudos epidemiológicos e terminológicos. Dos 39 demais artigos, 12 abordam qualidade de vida, nove estigma, um trata da percepção de professores sobre a epilepsia; três, das variáveis psicológicas de familiares/crianças; um, o procedimento educativo; cinco abordam desempenho escolar de crianças com epilepsia e dois tratam as concepções sobre epilepsia entre profissionais e estudantes da área da saúde. A revisão aponta para aspectos relacionados a crenças e desinformações da família, que podem causar implicações consideradas mais comprometedoras do que o próprio distúrbio. Os artigos estudados indicam o estigma como limitador social, cuja perpetuação acarreta a exclusão dos indivíduos, podendo interferir, até mesmo, no processo de escolarização e qualidade de vida dessas crianças. Alguns estudos observam, de forma não sistematizada, que muitas crianças com epilepsia estão inseridas em escolas especiais, classes especiais ou salas regulares dos “fracos”, por serem consideradas incapazes *de* ou com dificuldade *para* acompanhar o programa da escolar regular. Devido à escassez de estudos que abordem a escolaridade de crianças com epilepsia, este estudo poderá contribuir para o aprofundamento dessas questões. Nesse sentido, busca-se desenvolver uma postura crítica em relação à educação dirigida às crianças com epilepsia e as suas consequências a médio e longo prazo. Existem maneiras diversas de lidar com a criança com epilepsia, sendo que, usualmente, seguindo inclusive orientações do campo da saúde, dentro de uma perspectiva desenvolvimental menos dinâmica, o desenvolvimento é visto como mais estagnado. A educação é limitada por se considerar o grau de comprometimento como insuperável, não relacionado-o aos limites atribuídos a priori. Isso, mais que diferenças, cria desigualdades, conflitos e assimetrias no que concerne a educação dessas crianças.

Agências Financiadoras: FAPESP e CNPq

4. EIXO TEMÁTICO: COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E RELAÇÕES, NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

MESTRADO

OLHANDO O BEBÊ E SEUS PARES DE IDADE.

Costa, Carolina Alexandre & Amorim, Katia de Souza

Mestrado: Pesquisa em andamento

As formas de a Psicologia olhar para o ser humano são inúmeras. E estudar o bebê nessa área já é realizar um recorte grande. Estas investigações sobre o bebê têm sido realizadas, na maioria das vezes, com parceiros mais competentes que ele – usualmente adultos e particularmente a mãe. E é, a partir destes, que o desenvolvimento do bebê é explicitado, basicamente pela fala do adulto. A pesquisa das relações do bebê com seus pares de idade, se diferenciam da grande maioria dos estudos na psicologia. E nesta área, alguns estudos buscam observar os bebês em ambientes de educação coletiva, como as creches. A investigação da interação entre bebês considera as capacidades e habilidades próprias deste sujeito e não a partir da comparação com as do adulto. Ao olhar bebês num berçário é possível identificar que os bebês interagem uns com os outros. Essa interação, que contempla mais do que fazer algo junto, é permeada por vários processos. Dentre estes está a abreviação, na qual um elemento anteriormente negociado aparece condensado. Em trabalho anterior das autoras, despontaram indícios de situações interativas e comunicativas em que não só o foco de atenção dos bebês era abreviado, como também ocorria a abreviação de significações. Dessa maneira, objetivava-se investigar se o processo de abreviação de significações ocorre em relações de bebês com coetâneos. E, no caso de ocorrerem, investigar como se dá este processo. Os registros utilizados são gravações em DVD realizadas em uma creche de um município do interior do Estado de São Paulo. Os sujeitos pivôs são: Catarina (5 meses), Priscila (7 meses), Daiane (10 meses) e Marcos (11 meses). Do Banco de Imagens, foram selecionadas todas as cenas em que os sujeitos aparecerem, compondo, assim, um bloco de imagens editadas seguindo o tempo cronológico dos acontecimentos. O *corpus* está sendo construído a partir da transcrição microgenética dos episódios interativos selecionados. A análise preliminar dos dados é microgenética e tem a *Rede de Significações* como base. De maneira geral alguns recursos comunicativos são eficazes para a apreensão deste processo, tais como o olhar, expressão facial e vocalizações. A realização do estudo de caso múltiplo nesta pesquisa visa considerar que os sujeitos selecionados abrangem a diversidade de características no primeiro ano de vida no ambiente de uma creche. Considerando ainda que estes mesmos sujeitos apresentam características diferentes de outros bebês e que aparecem nos resultados da pesquisa. Todavia estes bebês estão imersos na cultura da sociedade brasileira e impregnados pelas concepções de infância, maternidade, trabalho fora de casa, cuidados alternativos, cuidados coletivos, entre tantas outras. Entrelaçando essas características, portanto, busca-se não perder o foco na pessoa nem no processo. Fornecendo subsídios para que as contribuições advindas deste tipo de pesquisa possam gerar hipóteses ou questões que possam ser testadas em contextos similares, incorporando e/ou inserindo contribuições, dando continuidade às discussões da área de conhecimento.

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq e CAPES

CRIANÇAS EM INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO: DIVERSIDADE DE RELAÇÕES, DIFERENÇAS NO ATENDIMENTO.

Moura, Gabriella Garcia & Amorim, Katia de Souza

Mestrado: Pesquisa em andamento

A metáfora da *rede de significações*, enquanto circunscritora do processo de desenvolvimento humano, estruturada como uma malha em que se interseccionam dinamicamente diversos elementos (componentes pessoais, campos interativos, contextos e matriz-sócio histórica), nos ajuda a compreender a complexidade de relações que se estabelecem num determinado cenário, onde coexistem diferentes pessoas, com diferentes histórias de vida, ocupando diferentes papéis sociais e se relacionando de diversas formas em função das relações afetivas, jogos de poder e influências de outros cenários que também vivenciam. Partindo dessa perspectiva e entendendo o desenvolvimento humano a partir das relações estabelecidas com o outro e o ambiente, sendo aquelas mediadas pela linguagem e engendradas num determinado contexto histórico-cultural, nos questionamos: como o bebê se relaciona *com* e se desenvolve *em* um contexto de acolhimento institucional? Diante disso, esta pesquisa se propôs a investigar, o modo de construção das relações de bebês com os adultos e outras crianças, tendo foco nos recursos comunicativos utilizados. A principal via de coleta de dados foram videografações realizadas em instituição de acolhimento, do interior de São Paulo, tendo como foco três bebês, cujas faixas etárias iniciais eram de 3, 6 e 10 meses. As gravações foram realizadas ao longo de três meses, semanalmente, durante uma hora com cada bebê. A análise das cenas é microgenética, a qual permite acompanhar mudanças e (trans)formações ocorridas nas formas de se relacionar e se comunicar dos bebês. Os resultados parciais revelam que no mesmo cenário convivem crianças que foram encaminhadas diretamente da maternidade; crianças afastadas do meio familiar depois de algum período de convivência; e crianças cujas mães ou parentes são funcionárias ou voluntárias da instituição. Deste modo, a transitoriedade de permanência das crianças abrigadas, aliada à rotatividade de funcionários e voluntários, gera uma dinâmica na instituição que implica em diversidade de pessoas, formas de cuidados, práticas e relações. Nesse contexto, a construção das relações e a formação de vínculos tem características particulares. Há maior relação comunicativa e afetiva dos adultos com as crianças que estão abrigadas há um tempo maior, sendo que mesmo crianças maiores, com semelhantes recursos comunicativos, mas há menos tempo no abrigo, não experienciam o mesmo nível de interação com os adultos. A interação com crianças abrigadas mais recentemente baseia-se mais no oferecimento de comida ou para chamar atenção a riscos, e não tanto para brincar, pegar no colo, ou para acariciar. Essas características podem estar vinculadas ao compartilhamento de vivências no abrigo criando um repertório de afetos e interesses. Além disso, é muito contrastante o tratamento oferecido para a filha da coordenadora, a qual convive diariamente com as crianças acolhidas, mas diferentemente destas, ainda se utiliza muito o recurso do choro, sendo imediata ou rapidamente atendida. Diante desse contexto, cabe a inquietação: até que ponto a diversidade de relações – estabelecidas pelas particularidades das crianças e adultos, pelas suas histórias de vidas, afetos investidos e papéis assumidos – se torna motivo para o tratamento desigual?

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq e CAPES

MESTRADO

O ESTABELECIMENTO DA ATENÇÃO CONJUNTA, EM PROCESSOS INTERATIVOS DESENVOLVIMENTAIS: ESTUDOS DE CASO COM BEBÊ VIDENTE E CEGO OU COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA

Colus, Katia M. & Amorim, Katia de Souza.

Mestrado: Pesquisa em andamento

A Organização Mundial de Saúde refere que em todo o mundo, anualmente, 500 mil crianças ficam cegas, devido a uma série de complicações, tanto em países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento. Só no Brasil, são 100 mil crianças ao ano. Percebe-se, entretanto, no campo da psicologia, que a maioria dos trabalhos a respeito do desenvolvimento humano leva em conta a criança sem perturbações e/ou dificuldades quanto à questão da visão, em uma perspectiva que tende a homogeneizar o desenvolvimento, caminhando na direção da anulação de diferenças. A atenção conjunta é considerada como fundamental para estabelecer um conjunto de dimensões básicas no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança e se refere a comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face do outro, mostrar e compartilhar objetos com outros. Episódios de atenção conjunta, portanto, podem quase ser denominados de episódios de atenção visual conjunta. Neste sentido, esta capacidade, como dado eminentemente visual, tem sido considerada como crucialmente importante para o desenvolvimento da capacidade interativa do bebê. Entretanto, ao se pensar estes processos, em crianças cegas ou com deficiência visual severa, depara-se com a pouca quantidade de informação disponível em dados de pesquisas. Esta diferença sensorial, não incluída nas pesquisas verificadas até então, pode ser pensada como elemento possibilitador de diversidade ou de desigualdade, a depender de como se estabeleçam as relações a partir e para com a criança visualmente diferente. Assim traçou-se a meta desta pesquisa : investigar como se dá a interação entre o bebê cego ou com deficiência visual severa e os adultos em seu entorno, partindo da seleção de episódios marcados pela construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta, tanto da parte dos bebês quanto dos parceiros circundantes. Para isso, será utilizado estudo de casos múltiplos-exploratórios, envolvendo um bebê cego ou com deficiência visual severa e sua família vidente, fazendo-se um contraponto com um bebê vidente para dar visibilidade a recursos e aspectos específicos do processo e também preservando as características dos ambientes em que os bebês e suas famílias se encontram. A perspectiva sócio-interacionista permite a compreensão dos processos desenvolvimentais que ocorrem nestas situações. A coleta dos dados deu-se através de videogravações, posteriormente transcritas. Para a análise destes, considera-se a abordagem microgenética, com aporte metodológico da Rede de Significações funcionando como proposta privilegiada e possibilitadora da compreensão da complexidade dos mesmos. Mesmo em um centro urbanoreferência de saúde para muitas localidades, próximas ou mais distantes, no qual se deu a busca de sujeitos, o bebê cego só foi encontrado após aproximadamente seis meses de procura, fazendo pensar sobre o quão “invisível” se torna um bebê com uma diferença, em uma sociedade que tende a desvalorizar, talvez escondendo, a pessoa que não corresponde ao padrão “normal”, inclusive na produção científica.

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq e CAPES

MESTRADO

EMOÇÃO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA: OLHAR O BEBÊ EM SUAS DIVERSAS DIMENSÕES

Ferreira, LudmillaDell'Isola P. M. & Amorim, Katia de Souza

Mestrado: Pesquisa em andamento

A emoção é tema presente em diversas áreas do conhecimento, dentre eles, a psicologia do desenvolvimento. Numa abordagem sócio-histórica, Henri Wallon se destaca pelos seus estudos sobre a emoção, tornando-se um referencial para a investigação deste tema. Em sua teoria, a emoção é elemento central nos primeiros meses de vida, propiciando a constituição do vínculo entre bebê e ambiente social. A perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, com base em Wallon e outros autores, considera que o bebê nasce com um repertório biológico, com alto grau de organização perceptiva e expressiva, que o possibilita relacionar com o outro e manifestar suas necessidades. Com isso, a teoria abre espaço para que o tema da emoção no desenvolvimento do bebê seja aprofundado, contribuindo para a produção de novos estudos empíricos sobre a temática. Neste sentido, com o propósito de olhar o bebê em suas diversas relações, questiona-se como a emoção se integra à rede relacional deste sujeito, inclusive como um dos processos de desenvolvimento humano. A partir das leituras e revisão nacional da literatura percebeu-se a exploração da emoção mais restringida ao plano teórico e a escassez de estudos empíricos relacionando emoção ao desenvolvimento, particularmente do bebê. Sendo assim, esta pesquisa de mestrado tem o objetivo de realizar um estudo empírico sobre as manifestações e os processos de transformação da emoção no primeiro ano de vida, utilizando-se do Banco de Imagens do CINDEDI. O método empregado é o estudo de caso, participando da pesquisa uma família composta pela mãe, pai e o bebê. As gravações, realizadas por uma pesquisadora do CINDEDI, aconteceram desde o nascimento da criança até o seu primeiro ano de vida, na própria casa dos participantes. Primeiramente, essas vídeogravações serão vistas a fim de realizar uma descrição das manifestações emocionais dos sujeitos envolvidos. Posteriormente, serão observadas as situações de interação dessas manifestações e as modificações das mesmas ao longo do tempo. As cenas escolhidas serão transcritas microgeneticamente, formando o *corpus* da pesquisa. Realizar-se-á uma análise microgenética dessas cenas, que permitirá o acompanhamento dos processos da emoção presentes nas relações intersubjetivas. Desta forma, esta pesquisa visa contribuir para a discussão da diversidade ao focar tanto o bebê, sujeito ainda pouco olhado nas pesquisas, principalmente quando o foco está nele mesmo e não apenas nos outros que com ele se relacionam, como os pais; quanto por investigar o tema da emoção como uma das dimensões a serem exploradas no estudo do desenvolvimento humano. Assim, diante da diversidade de pesquisas e de produção científica, o bebê e a emoção, principalmente numa perspectiva sócio-histórica, caracterizam-se como parte desta diversidade, mas que pouco tem sido abordado na literatura nacional.

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq e CAPES

O COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE UMA COMUNIDADE RURAL

Araújo, Marcella Oliveira & Silva, Ana Paula Soares da

Mestrado: Pesquisa em andamento

Apesar dos avanços no âmbito do conhecimento sobre a criança de 0 a 3 anos de idade e das suas possíveis implicações nas práticas cotidianas e nos espaços a elas destinados culturalmente, esses sujeitos, de acordo com a literatura da área, continuam invisíveis aos olhos do conhecimento científico, das políticas públicas e da história da infância. Quando se trata das crianças do campo, essas (in) visibilidades são mais intensas. Neste sentido, este projeto tem como objetivo geral compreender como é o cotidiano das crianças de 0 a 3 anos de idade, moradoras de uma comunidade rural, localizada num município da mesorregião de Franca, com população em torno de 7000 habitantes. Propõe-se investigar ainda os modos como a família significa a criança pequena no contexto do campo e organiza seu dia-a-dia em relação à educação e ao cuidado desta criança. Participarão do estudo famílias que tenham filhos de 0 a 3 anos. A coleta de dados se dará por meio de: (1) aplicação de questionários com as famílias com crianças de 0 a 3 anos; (2) permanência da pesquisadora no contexto investigado por um período de quatro semanas junto a três famílias focais escolhidas, sendo uma criança de cada faixa etária (0 a 1 ano, 1 a 2 anos e 2 a 3 anos); (3) registro de campo da vivência na casa das famílias; (4) entrevistas individuais com os pais das crianças. O projeto se fundamenta no referencial teórico-metodológico da Rede de Significações (RedSig), em diálogo com as colaborações de Ezpeleta e Rockwell. Apesar do referencial seguido no projeto apontar que as categorias emergem a partir do diálogo com os dados da pesquisa, prevê-se antecipadamente alguns eixos de análise: concepção sobre a criança de 0 a 3 anos do campo; organização de espaços e tempos para as crianças de 0 a 3 anos de idade; participação das crianças nas atividades da comunidade rural junto com a família; significação do cuidado e da educação da criança de 0 a 3 anos de idade em assentamento. O tratamento para o questionário, o diário de campo e das entrevistas se dará por uma categorização geral qualitativa e quantitativa dos dados. Pretende-se com esse estudo contribuir nas discussões sobre as Infâncias no/do campo ao dar visibilidade aos aspectos do cotidiano das crianças de 0 a 3 anos. Algumas reflexões podem ser feitas em relação à proposta do Encontro do Cindedi deste ano. As (in) visibilidades e os silêncios imputados à criança bem pequena caracterizam o pouco conhecimento que ainda possuímos sobre elas e seus contextos. Diante da diversidade das infâncias possibilitadas no campo, as ausências de estudos exclusivos sobre a população de 0 a 3 anos sustentam uma compreensão desigual das especificidades nos modos de viver no campo; e silenciam as concepções referentes ao bebê, sua educação e cuidado. Ao inclinar ao campo, em sua diversidade e desigualdade, a produção de conhecimentos sobre as infâncias no/do campo possibilitará lançar alguma visibilidade a essas infâncias, configurando-se como uma ferramenta para contribuir na diminuição das desigualdades enfrentadas pelos sujeitos do campo.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MODOS DE INTERAÇÃO E PRODUÇÃO DE SIGNIFICAÇÕES EM CRIANÇAS COM AUTISMO, EM CONTEXTO FAMILIAR

Menezes, Luiza C. & Amorim, Katia de Souza

Iniciação Científica: Pesquisa em andamento

Ao se estudar a temática do autismo é possível perceber que, em função do histórico do campo, existem diferentes formas de conceber e atuar junto a pessoas com o diagnóstico deste transtorno. A fim de compreender essa diversidade, e a própria noção de autismo, realizou-se uma revisão da literaturanacional. Por meio da revisão foi possível mapear o campo de pesquisa sobre a temática, a partir da palavra-chave “autismo”, na base de dados *SciELO*. Dentre os artigos encontrados, as áreas de pesquisa que mais trabalham com a temática são a medicina (47,91%) e a psicologia com (35,4%), além das demais áreas como fonoaudiologia (12,5%), enfermagem (2,08%) e pedagogia (2,08%). Tal revisão viabilizou ainda traçar uma perspectiva histórica para compreender as diversas concepções culturais e científicas sobre autismo. Ao longo do tempo diferentes teorias tiveram destaque na caracterização do quadro, até a década de 1960 predominando as teorias psicanalíticas, que atribuem a causa a falhas no estabelecimento de relações objetais com os pais. Posteriormente a esta concepção, predomina ainda hoje a caracterização do quadro enquanto tendo causas orgânicas, cerebrais e genéticas. Hoje, o autismo é tido como um transtorno do desenvolvimento e concebido como um *spectrum* devido à heterogeneidade dos quadros comportamentais, a etiologia múltipla, além dos vários graus de acometimento. Tal transtorno é caracterizado por uma tríade de prejuízos: interação social, comunicação, padrão restrito de comportamento, interesses e atividades. Com relação aos prejuízos na interação social destaca-se que a literatura discute que as pessoas com autismo são caracterizadas pela falta de busca espontânea para o estabelecimento de relações, falta de reciprocidade social ou emocional, além de terem problemas no estabelecimento da atenção compartilhada. Ainda cabe destacar que vários trabalhos referem que as pessoas com autismo possuem prejuízos qualitativos na comunicação, uma vez que, muitas não desenvolvem linguagem verbal, ou esta aparece de forma repetitiva ou estereotipada; ainda ressaltam haver comprometimento da linguagem não-verbal. Porém, há pesquisas que buscam ver a linguagem para além do seu caráter verbal, levando em conta o caráter relacional da linguagem, isto é, a linguagem enquanto um processo que se dá em construção conjunta com o outro, o que viabiliza ver a linguagem enquanto recurso comunicativo nestas pessoas. Pensando nestas possibilidades de compreensão da linguagem e tomando como pressuposto teórico e metodológico a *Rede de Significações*, que colabora em lançar novos olhares na compreensão dos processos desenvolvimentais, é que se buscou traçar o objetivo deste estudo. Buscaremos compreender como ocorrem os processos de interação social e produção de significação em crianças com autismo. Para isso, estas relações serão analisadas no contexto familiar, levando em conta que é na família que ocorrem as primeiras transmissões culturais e também a produção de sentidos das crianças. Esta pergunta será viável caso seja possível pensarmos no autismo para além de uma ótica de déficits, e sim pela ótica da diversidade dos modos de se relacionar.

Agências Financiadoras: PIBIC, FAPESP, CNPq

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR A PARTIR DA DIVERSIDADE: RELAÇÃO E COMPLEMENTARIDADE

Santos, Natália M. & Amorim, Katia de Souza

Iniciação Científica: Pesquisa em andamento

Uma breve revisão não-sistemática da literatura mostra uma crescente utilização e valorização do conceito de “diversidade” dentro das várias áreas de estudo. No entanto, observa-se em geral, certo descomprometimento conceitual com o termo, o que demanda uma breve reflexão de modo a prover maior compreensão e adequação do tema ao presente trabalho. A diversidade é constatada através do enfoque da relação, uma vez que propõe a convivência e a celebração da diferença. A variedade sugere a multiplicidade simples, enquanto a diversidade implica a comparação com o outro, a qualificação de um a partir do referencial do outro. Quando considerada negativamente pode tornar-se desigualdade, mas quando adotada sob a perspectiva de riqueza da variedade, torna-se diversidade. Tal operação encontra-se intrinsecamente ligada à possibilidade de negociações que ocorrem com o meio cultural de modo a permitir ou não a inclusão e a valorização da diferença e a emergência da diversidade. Tal visão só pode ser contemplada diante do vislumbre da complexidade e da constante mutabilidade próprios dos fenômenos estudados, em especial os humanos, produtos da passagem do tempo, da matriz sócio-histórica vigente, e das configurações contextuais e relacionais que permeiam tais fatos. Assim, a diversidade encontra-se presente nas várias configurações de redes de relação permeadas pelo contexto em que se insere, a cultura que a modula, os papéis desempenhados e sua situação no tempo. No trabalho *Transformações do Olhar no Bebê e sua Relação com o Desenvolvimento Postural* propõe-se a concepção implícita de diversidade no desenvolvimento ao se considerar as transformações do olhar e relacioná-los a momentos do desenvolvimento postural nas particularidades de dois estudos de caso de bebês analisados em diferentes contextos (um em ambiente domiciliar e outro em ambiente de creche). Entende-se que tais contextos trazem riqueza no que tange a configurações organizacionais e relacionais que podem contribuir para a emergência da diversidade no desenvolvimento. A coleta e análise de dados estão sendo conduzidas fundamentalmente através da perspectiva da Rede de Significações. Diante da seleção de episódios, destacados a partir de transcrição microgenética, será conduzida análise microgenética, buscando acompanhar as mudanças ao longo do tempo. Os registros do bebê na creche, ainda pouco analisados, estão sendo obtidos através do banco de imagens do Projeto Integrado Processos de Adaptação de Bebês à Creche, que acompanhou 21 bebês ao longo da frequência, em uma creche universitária. O registro do bebê no domicílio está sendo obtido através do Banco de imagens do projeto Processos de (Trans)formação da Comunicação e Linguagem, ao Longo do Primeiro Ano de Vida: Um Estudo de Caso. A partir de uma pré-análise de dados empíricos, faz-se um paralelo do papel da cultura na possibilidade de pensar transformações do olhar através de um episódio de interação mãe-bebê que demonstra a primazia do olhar através da busca de contatos face-a-face por parte da mãe. Além disso, o episódio instiga reflexões sobre o caráter de complementaridade que habilidades do adulto e do bebê podem assumir na relação ao se considerar a imaturidade motora do bebê e os cuidados decorrentes da mãe.

Agências Financiadoras: FAPESP, CNPq

MESTRADO

DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES PARA A ESQUIZOANÁLISE

Sarti, Filipe A. & Furlan, Reinaldo

Mestrado: Redação projeto

Este trabalho proporciona aproximações entre os construtos teóricos da Rede de Significações e os conceitos da Esquizoanálise, tendo em vista contribuir para a elaboração de metodologias de pesquisa voltadas para a análise do desenvolvimento humano em meio às interações locais, tal como estas se organizam nos espaços institucionais que lidam com crianças, como creches, abrigos e escolas de ensino fundamental. O objetivo será apontar caminhos para investigação, propondo desafios ao pesquisador, no contexto que circunscreve suas interações com o objeto: trata-se de perguntar pelas distinções fundamentais que instrumentam o pesquisador para uma análise dos processos de desenvolvimento, considerando as alterações qualitativas, os devires, as rupturas abertas entre os modos de subjetivação da criança e os componentes institucionais. Nesse sentido, na articulação entre tais componentes, o pesquisador determina um conjunto de “circunscritores” dos processos em análise, estabelecendo os limites para suas investigações, delineando o objeto de pesquisa dentro de um contexto interativo essencialmente heterogêneo. Assim definidos, os circunscritores implicam em uma multiplicidade de componentes sociais, biológicos, políticos, históricos e culturais que ultrapassam o aqui-agora das interações locais, desdobrando uma “matriz” de intensidades que atualiza essas relações e numa rede de signos, denotando múltiplos significados. Aproximando-se a RedSige os conceitos esquizoanalíticos, proporcionamos ao pesquisador conceber a “microgênese” dos processos de desenvolvimento, os devires que abrem os agenciamentos produtores da realidade, desafiando-o a distinguir os componentes semióticos e pragmáticos circunscritos nessas estratificações multidimensionais. Trata-se de discernir uma dupla articulação: um “agenciamento coletivo de expressão”, isto é, um regime de signos, autônomo e suficiente; e um “agenciamento maquínico de conteúdo”, um processo de subjetivação, composto pelos afetos que relacionam as forças no corpo social. Essas aproximações se sustentam pelo conceito bakhtiniano de “polifonia”, que caracteriza os processos dialógicos de significação como uma multiplicidade qualitativa, articulada entre os discursos e os sentidos, entre a expressão dos signos e o conteúdo do vivido (a subjetividade): subjetivar é produzir significados nessas relações polifônicas com os outros, com o si mesmo. As subjetivações potencializam rupturas, projetam devires nas interações sociais organizadas, nas n dimensões circunscritas pelas possibilidades atuais de significação e de afeto da criança: os processos de desenvolvimento vão além dos limites que circunscrevem as interações locais, produzindo um devir-criança que altera qualitativamente tais interações. As significações que configuram esses modos de subjetivação são múltiplas, pois operam o sistema semiótico pelo qual os afetos se desenvolvem dialogicamente, alterado o continuum qualitativo do processo. Os regimes de signos configurados nas interações são sempre mistos e amplamente variáveis, mas podemos analisá-los seguindo tendências que orientam a produção de sentidos subjetivos, as alterações qualitativas ou as variações contínuas no processo, os agenciamentos sociais que delineiam a dupla articulação entre os signos e os corpos, como um sistema interativo aberto. Esse sistema constitui um campo virtual de sentidos que abre múltiplas linhas de significação, uma rede polissêmica na qual o desenvolvimento humano perpassa continuidades e rupturas, na microgênese de mundos possíveis que exprimem novas potencialidades afetivas da criança.

DESEJO E NEGATIVIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY: ENFOQUE NA ARQUEOLOGIA DA RELAÇÃO COM O OUTRO.

Oliveira, Vitor Hugo de & Furlan, Reinaldo

Mestrado: Pesquisa em andamento

O presente trabalho, que enfoca as últimas obras de Merleau-Ponty, é parte de uma análise mais geral sobre a arqueologia do contato primordial do corpo com o mundo, que serviu de base para se traçar a articulação entre sua noção de desejo e o conceito de negativo (tema que não terá tratado aqui diretamente), e descreve um dos aspectos dessa arqueologia, o contato primordial com o outro que ocorre na infância. A pesquisa buscou primeiramente traçar o que o filósofo denomina de arqueologia do contato primordial do corpo com o mundo, buscando a camada pré-objetiva de abertura perceptiva a ele, a sentidos que não foram constituídos pelo sujeito, que o ultrapassa e determina vetores de sentido. Os temas arqueológicos enfocam as noções de instituição e passividade, a relação da corporeidade humana com a animalidade, e o esquema corporal como abertura estesiológica e libidinal ao mundo, questões que nos abre a dimensão transtemporal e transespacial do corpo, que arrasta consigo um passado que retoma e antecipa as possibilidades do porvir. A partir desses tópicos, compreende-se que o desejo é busca de ser o dentro do fora e o fora do dentro no sistema de trocas do corpo com o mundo, em sua união por meio de distanciamento e estruturação do contato entre eles. É nesse sentido que se podem ressaltar algumas noções psicanalíticas, pois elas permitem apreender essa topologia arqueológica do contato, as estruturações de sentido que nos permitem significar o mundo, e que não são de autoria de uma consciência constituinte. Na infância deflagra-se uma lógica carnal de contato com o mundo, na qual a gênese do esquema corporal se dá imbricadamente à gênese do outro para o sujeito, desenvolvimento que parte de um estágio na qual a alteridade ainda não pode ser efetivamente experimentada, ou seja, há uma região de indistinção entre o outro e o sujeito. Essa correlação entre desenvolvimento da relação com o outro e desenvolvimento da imagem do corpo-próprio se dá no contexto de uma relação afetiva com o mundo e com os outros. Ao pensamento arcaico infantil é inerente um polimorfismo que o permite antecipar e assumir diversas posições futuras, uma antecipação de experiências. O movimento dessa relação arcaica com o mundo e com os outros se dá a partir de um sistema auto-organizável, articulado no tempo, através do qual a criança adquire tanto a consciência do corpo próprio quanto a consciência de que o corpo do outro possui um “psiquismo”.

CRECHE E PRÉ-ESCOLA CAROCHINHA - COSEAS USP

RIBEIRÃO PRETO - SP

BRINCANDO COM ESPELHOS, FOTOGRAFIAS E SOMBRAS: INFINITAS POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM E RECONHECIMENTO DE SI.

Carvalho, Rosana Ferreira de; Santos, Laudicéia Guimarães dos & Pantoni, Rosa Virgínia

O presente painel tem como objetivo relatar as reações observadas num agrupamento de crianças de 1 a 2 anos a partir da introdução e uso de espelhos, fotografias e trabalho com sombras. As atividades foram realizadas na Creche Carochinha/COSEAS-USP e envolveu crianças de 1 a 2 anos, sendo 4 meninos e 4 meninas. Dentre os comportamentos observados destacamos algumas cenas: 1) o menino que era apegado à sua chupeta e, ao ver sua imagem na foto tira a mesma da boca e leva-a em direção ao seu rosto, 2) a menina que sistematicamente colocava o chapéu sobre a cabeça e em seguida virava-se na direção do espelho e ficava observando sua imagem; 3) o menino que fazia diferentes movimentos com a boca enquanto se observava frente ao espelho; 4) a criança que sistematicamente ao se olhar no espelho ou ao ver sua foto na parede, levava a boca até sua imagem; 5) a menina que se colocava em diferentes posições corporais e ficava observando a sequência de seus movimentos; 6) o menino que fazia o gesto de mostrar a língua várias vezes enquanto observava as imagens sendo refletidas no espelho. Além da posição tradicional do espelho, fixada na parede, foram introduzidas também caixas com espelhos no fundo que fazia com que a imagem fosse vista em perspectiva. Estes objetos também foram bastante explorados pelas crianças, assim como as situações que envolviam a visualização de sombras. As explorações das crianças foram documentadas através de fotografias e apresentadas aos pais das crianças durante nossa exposição *Mostras da Carochinha*. O que mais chamou a atenção das educadoras foi a singularidade que cada criança demonstrou durante estas oportunidades bem como as diferentes reações das famílias ao de separarem com as fotos e as informações trazidas pelas professoras nos murais. Sabendo o quanto a construção da auto-imagem é fundamental para o desenvolvimento psíquico, o intuito deste trabalho é contribuir sobre as possíveis ações que os professores da Educação Infantil podem realizar no seu dia-a-dia com as crianças para promover essa construção, incluindo aí a participação das famílias.

CRECHE E PRÉ-ESCOLA CAROCHINHA - COSEAS USP

RIBEIRÃO PRETO - SP

A DANÇA DAS CADEIRAS TRANSFORMANDO AS RELAÇÕES NA TURMA ARCO-ÍRIS.

Silva, Eva Benedita Agassi Martins da & Oliveira, Rosangela dos Santos

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de algumas situações educativas envolvendo a utilização de jogos cooperativos com crianças da Turma Arco-Íris (4 a 5 anos) na Creche Carochinha/COSEAS-USP, durante o segundo semestre de 2010. O planejamento das atividades foi organizado a partir da observação dos comportamentos de um subgrupo de crianças da turma que sistematicamente não participam de brincadeiras que envolviam algum tipo de competição, seja no âmbito coletivo como, por exemplo: o jogo de queimada, seja no âmbito individual, como a brincadeira de pic-pega. Pensando em incentivá-las de modo que pudessem gradativamente aceitar e enfrentar situações nas quais aparecem sentimentos de frustração, perda, medo, entre outros, foram incluídos no planejamento das atividades a serem realizadas com as crianças alguns jogos cooperativos. Esta apresentação focou a realização de uma determinada brincadeira – a dança das cadeiras, onde apresentaremos a sequência das ações realizadas e as mudanças de comportamentos que fomos observando neste subgrupo de crianças. As ações foram propostas inicialmente em um momento da rotina que denominamos *Momento Coletivo* onde 2 agrupamentos de faixas etárias próximas compartilham o uso de um mesmo espaço e podem escolher em qual atividade ou brincadeira querem atuar e, posteriormente, organizadas apenas para um agrupamento em outro momento da rotina, denominado de *Momento da Turma*, na qual uma atividade dirigida é organizada previamente e oferecida para todo o grupo. Dentre as mudanças de comportamento observadas podemos destacar: aumento do índice de participação das crianças do referido subgrupo neste tipo de atividade, melhoria na aceitação no momento em que a cadeira que até então era considerada somente da criança e não do grupo era retirada, melhoria nas interações que envolviam contato físico, em especial envolvendo meninas e meninos, como por exemplo, o sentar no colo.

CRECHE E PRÉ-ESCOLA -COSEASUSP

SÃO CARLOS - SP

ARTE E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marchetti, Margarette

Na educação infantil, o trabalho com a diversidade não pode se dar fora de uma concepção integrada entre as diferentes linguagens. Isso nos leva a compreender que é com a brincadeira, a fantasia, o imaginário que a criança vai se apropriando do mundo e construindo formas de interpretá-lo. Nos trabalhos desenvolvidos na Creche e Pré Escola São Carlos COSEAS/USP o foco nas diferentes linguagens não deixa de ter como eixo integrador a diversidade. Sendo assim, um dos elementos constitutivos da nossa prática certamente é a linguagem artística enquanto forma de expressão cultural. A criança compreendida como sujeito criador, capaz de expressar sentimentos de diferentes maneiras, atuando como agente ativo de seu processo educativo pode ter por intermédio da arte acesso à diversidade cultural manifestada pela humanidade. É preciso reiterar que a criatividade e o lúdico fazem parte do aprendizado e desenvolvimento da criança, e que as diferentes formas de linguagens – literatura, artes visuais e música – podem interagir na concepção e criação. Na literatura promover o contato com diferentes autores, personagens, enredos, possibilitam uma visão mais ampla do mundo e da diversidade que constitui as relações humanas. A literatura pode provocar nas crianças o contato com diferentes culturas, personagens com diferentes características, diferentes formas de viver; através de diversos portadores textuais é possível discutir diferentes maneiras de estar no mundo, discutindo com os pequenos a importância da diversidade enquanto expressão da pluralidade humana. As artes visuais, enquanto forma de expressão, provoca nas crianças a possibilidade de ver o mundo com outros olhos. Trabalhar a arte de várias culturas, de diferentes artistas, apresentando suas características, diferenças, maneiras como cada povo compreende o espaço, os objetos que utilizam para representá-lo, mostra como a diversidade se manifesta em culturas tribais, povos nômades, no meio rural; todo esse repertório constrói uma ampla concepção de mundo com as crianças, discutindo, construindo, manifestando, imaginando maneiras de estar no mundo ao mesmo tempo em que podem, por conhecer, respeitar estas manifestações. Por fim, o trabalho com a música, presente na maioria das culturas, possibilita formas de movimento que representam diferentes maneiras de usar o corpo; cada cultura guarda em si uma visão do corpo que transparece em sua dança. Para as crianças, a música é muito importante no seu desenvolvimento, por isso a mesma é instrumento fundamental no trabalho das creches. Com a música é possível construir formas de expressão corporal, ampliar a percepção espacial, compreender diferentes maneiras de expressar seus sentimentos com o corpo. O trabalho com a linguagem artística em suas diversas manifestações possibilita um amplo repertório cultural, com temas variados, representando diferentes formas de estar no mundo; por isso é fundamental que as crianças compreendam, desde pequenas, a respeitar a diversidade conhecendo-a, tendo acesso ao que é diferente, construindo sua identidade através da diversidade para que as diferenças não se tornem desigualdades.

CRECHE E PRÉ-ESCOLA -COSEASUSP

SÃO CARLOS - SP

CANTIGAS DE TODOS OS CANTOS: A DIVERSIDADE CULTURAL NO BERÇÁRIO

Roiz, LucianePedrocchi, SILVA, G. F., Betoni, Maria Dolores Alves Cardoso

Este trabalho relata a prática pedagógica com um grupo de nove bebês com idade de 4 meses a 1 ano realizada no berçário da Creche e Pré Escola São Carlos (USP/COSEAS). Nesta instituição, é recorrente recebermos crianças e famílias oriundas de diferentes países, fato que provoca um constante processo de reflexão sobre as formas de acolhimento, dos bebês e de suas famílias. A adaptação depende da inter-relação de três agentes sociais: a criança, a educadora/creche e a família. Cada um destes vive de maneira diferente o processo, o que gera a necessidade de atenção por parte das educadoras e equipe técnica. Articulando o cuidado e a educação, nos preocupamos com uma adaptação segura e tranqüila, pois a criança ao frequentar um novo ambiente, precisa de um período para se adaptar ao espaço, às pessoas e às novas relações que vão surgir. Tendo a compreensão de que um atendimento de qualidade demanda também que a creche conheça as famílias, foi desenvolvido o projeto “Cantigas de todos os cantos” no qual a interação entre estes três agentes foi planejada para que a creche fosse percebida como um espaço acolhedor. Neste projeto o envolvimento dos familiares, para além da simples presença, se configurou enquanto oportunidade de trocas culturais, de valorização das diferenças, não apenas apresentando elementos dos países de origem, mas compartilhando o repertório cultural com os bebês. O trabalho com a diversidade cultural teve como objetivo a quebra dos estereótipos, o estreitamento da relação creche-família e a construção da identidade. Os sons e a música constituem uma fonte importante de mediação cultural e desde cedo o bebê estará conhecendo e se apropriando de sonoridades características do lugar onde vive, sua família, sua comunidade e seu país. Inicialmente organizamos encontros nos quais os familiares pudessem apresentar suas músicas infantis em roda cantada, momentos nos quais compartilhávamos os hábitos na educação e no cuidado das crianças pequenas nos diferentes países, cantávamos, ouvíamos, aprendíamos. Consideramos que o encontro com as famílias, compartilhando conosco sua cultura através das cantigas, proporcionou a interação entre todos: família, crianças e creche, variando o repertório musical com diversas canções infantis tradicionais de diferentes países da América Latina e da cultura internacionalista “Esperanto”, além de possibilitar novas brincadeiras, brincos e parlendas. A partir do segundo semestre passamos a apresentar para as famílias e os bebês a cultura brasileira e suas manifestações folclóricas regionais, proporcionando contato com a culinária, as danças e as músicas. Este movimento possibilitou às famílias compreender melhor a diversidade cultural que se manifesta no Brasil. Com o projeto “Cantigas de todos os cantos”, os bebês do berçário foram levados ao contato com a diversidade cultural tendo como mediador a própria cultura, sendo estimulados desde pequenos a compreender e respeitar as diferenças.

CRECHE E PRÉ-ESCOLA -COSEASUSP

SÃO CARLOS - SP

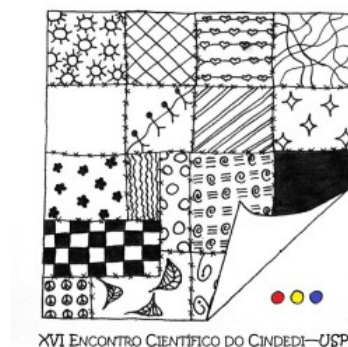
A DIVERSIDADE PELOS OLHOS DE CÂNDIDO PORTINARI

Parras, Silvia. E. M. P.

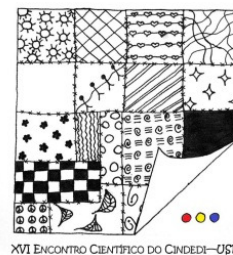
Um das linguagens trabalhadas na Educação Infantil é a artística. No ano de 2010, ao trabalhar com um grupo de crianças de 3 a 4 anos de uma creche universitária, utilizamos a arte para falar sobre a importância das vivências da infância para a vida do ser humano, seja ele artista ou não. O ser humano desempenha diferentes papéis: somos atores principais em nossa história, somos coadjuvantes na história do outro, somos principalmente escritores capazes de mudar essas histórias. Uma maneira de transformar a realidade em que vivemos é através das diferentes formas de expressão e comunicação. Em especial nessa turma, havia uma única criança negra e com sobrepeso que tinha dificuldade para se expressar. Por esse motivo, resolvi colocá-los em contato com a arte de Cândido Portinari que apresenta uma visão de pessoa diferente dos estereótipos de beleza que vemos hoje em revistas e meios de comunicação. Retrata negros, trabalhadores e pessoas com diferentes biótipos que participaram de sua história. Pintou o que era belo aos seus olhos, refletindo assim a beleza que via no outro. Colocar crianças tão pequenas em contato com a arte amplia e aguça a sensibilidade do olhar e oportuniza aprendizagens sobre o fazer artístico e sobre a capacidade de admirar e respeitar seu próprio trabalho e o dos colegas, aumentando assim o respeito por si mesmo e pelos outros. O trabalho foi desenvolvido através de livros e retratos de quadros pintados por ele de maneira que as crianças pudessem tocar, perguntar, ouvir e contar histórias inventadas ou não sobre as obras e a vida do artista. As crianças demonstraram maior interesse pelas imagens de rostos marcados, pés e mãos enormes do que por aquelas que retratavam brincadeiras da infância. Tal envolvimento se refletiu na relação com as famílias, que também se encantaram com o projeto, realizando pesquisas e enviando informações e objetos. O projeto foi finalizado com uma visita ao Museu Casa de Portinari, localizado em Brodowski, oportunidade em que se reuniram crianças, pais, avós, irmãos e funcionários da creche, com o apoio da equipe do museu. No decorrer desse projeto, planejamos situações que trabalhassem as diferenças para que as mesmas não fossem vistas como desigualdades e para que as crianças respeitassem e valorizassem a diversidade. Ao final, conheciam as mais diversas técnicas de pintura, apreciavam os detalhes dos quadros e principalmente, aprenderam a se olhar e respeitar como “amigos elegantes”.



AGRADECIMENTOS



- À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP;
- Ao Departamento de Psicologia e Educação;
- À Pró-Reitoria de Graduação da USP;
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao CNPq, pelo financiamento, ao longo desses anos, de vários projetos temáticos e de inúmeros projetos de pesquisa que foram e vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores do grupo;
- À Coordenação-Geral de Educação Infantil (COEDI) e Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC)
- Ao Banco do Brasil.



XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI-USP

COMISSÃO ORGANIZADORA DO XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI

- ALDA DO PRADO ROMA
- CAROLINA ALEXANDRE COSTA
- FERNANDA LACERDA SILVA
- GABRIELLA GARCIA MOURA
- JULIANA BEZZON SILVA
- LUDMILLA DELL'ISOLA PELERINI DE MELO FERREIRA
- MARIA CLOTILDE ROSSETTI-FERREIRA
- RONIE CHARLES F. ANDRADE

ORGANIZADORAS DO LIVRO DE RESUMOS

- ALDA DO PRADO ROMA
- CAROLINA ALEXANDRE COSTA
- MARA ISIS DE SOUZA

CAPA

- JULIANA BEZZON SILVA
- LUDMILLA DELL'ISOLA PELERINI DE MELO FERREIRA
- ALDA DO PRADO ROMA